

## **Reflexões Sobre o Lugar do BRIC na Economia Mundial**

**Rosembergue Valverde<sup>1</sup>**

Desde o último quarto do século XX, a dinâmica de acumulação mundial vem passando por importantes transformações. Sob uma intensificação dos processos de internacionalização do capital, pode-se observar uma ampla metamorfose na configuração do comércio internacional, dos fluxos de investimentos diretos estrangeiros, assim como dos fluxos financeiros internacionais. Coadunados com o senso destes movimentos, as instituições criadas na Conferência de Bretton Woods desmoronaram-se diante de uma crescente desregulamentação produtiva e financeira que vem paulatinamente evoluindo para uma regulação privada da economia mundial. Neste contexto, três grandes blocos econômicos se formam, com suas economias dominantes e suas periferias, organizadas em zonas concêntricas. Assiste-se também a um inexorável processo de exclusão de inúmeras economias periféricas. Contrariamente, quatro economias emergentes (Brasil, Rússia, Índia e China, o BRIC) buscam assumir um papel diferenciado na redefinição da conformação do regime internacional.

Com base nesta problemática, o objetivo desta pesquisa é demarcar alguns critérios para entender o lugar do BRIC na economia mundial. Para fixar as bases de avaliação da inserção do BRIC na economia mundial, a pesquisa debruça-se sobre a gênese das metamorfoses em curso no regime de acumulação mundial. O ponto de partida é a crise que assolou o conjunto das economias ocidentais a partir do final dos anos sessenta.

A amplitude dessa crise colocou em xeque as bases do modelo de acumulação fordista/taylorista e impôs ao capital a procura de novas vias de rentabilidade. Primeiro, as grandes empresas procuraram no imperativo da competitividade um caminho para o restabelecimento das suas margens de rentabilidade, culminando com a extroversão das economias desenvolvidas. O capital produtivo buscou recriar suas condições de valorização por meio de estratégias de decomposição internacional dos processos produtivos. Estas manobras deram origem a movimentos seletivos de transferência da produção de partes e peças de bens intensivos em mão-de-obra, matérias-primas e energia, em direção à determinadas economias periféricas. E assim, como resultado, observou-se ao longo das últimas décadas do século XX uma reestruturação dos tipos de investimentos diretos que se deslocaram do centro em direção àquelas periferias que se mostram atrativas e dispostas a aceitar as regras do jogo estabelecido.

Entretanto, como as estratégias de decomposição internacional dos processos produtivos espelhavam nas periferias o paradigma técnico-econômico que se encontrava em crise nas economias centrais, de antemão, se poderia prever que essas não se sustentariam em longo prazo. Completado o seu ciclo, a crise vivida pelos centros se manifestaria de uma maneira ainda mais aguda nas periferias. Assim, a despeito da solução de curto prazo, para o restabelecimento das suas taxas de lucros, as empresas multinacionais não cessaram de engendrar outros caminhos para garantir a reprodução ampliada dos seus capitais.

Dentre essas outras vias, a introdução de novas tecnologias de automação flexível e de novos modos de organização do trabalho, associada a uma intensa desregulamentação dos mercados financeiros, se impôs como uma alternativa aparentemente mais promissora para o

---

<sup>1</sup> Professor e Pesquisador junto ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisa Visconde de Cairu - Fundação Visconde de Cairu – CEPPEV – Salvador - Bahia. Doutor em Economia pela Universidade de Paris XIII.

restabelecimento das taxas de lucro. A magnitude das transformações induzidas estendeu-se das empresas inovadoras para toda a economia, conferindo-lhes um caráter paradigmático. Nestes termos, os desequilíbrios macroeconômicos das economias centrais se estabeleceram sobre outros parâmetros, que, mais uma vez passaram a incidir diretamente sobre o modo de inserção e sobre as normas para apreciação da integração e/ou de exclusão das economias nacionais na dinâmica de acumulação mundial.

Sob que bases serão definidas os novos critérios de atração e de repulsão das economias periféricas à dinâmica de acumulação dos centros? O novo regime internacional oferece mais oportunidades ou mais restrições à superação dos processos de subdesenvolvimento das economias periféricas? Existem áreas privilegiadas? Qual a posição das economias do BRIC? Qual a posição do Brasil entre as economias do BRIC?

Para que se possa apreciar a natureza dos novos juízos para atração e repulsão das economias do BRIC propõe-se utilizar, como método de trabalho, um quadro de hipóteses sobre oportunidades e restrições impostas à estas economias. Forçando o traço, dois casos limites podem ser estabelecidos para firmar esse procedimento. No primeiro caso, a supremacia das restrições sobre as oportunidades poderia ser de tal ordem que as economias do BRIC estariam fadadas à exclusão da dinâmica de acumulação mundial. No segundo caso, as oportunidades abertas pelas mudanças do regime internacional seriam mais importantes que as restrições, o que facilitaria os processos de inserção positiva das economias do BRIC no novo regime internacional. Desses extremos, almeja-se extrair uma síntese da qual se espera poder inferir os elementos chaves que influenciarão na posição das economias do BRIC no mundo.

Para proceder ao desenvolvimento da análise supõe-se ainda que existam diferentes capacidades e estratégias de adaptação das economias do BRIC à dinâmica de acumulação mundial decorrentes da ampla diversidade dos seus modos de subdesenvolvimento.

Em seguida a pesquisa explicita o significado de adaptação à economia mundial, para que não se confundam estratégias de desenvolvimento com os argumentos de ideólogos do neoliberalismo em favor de desregulamentação dos mercados (produtivos e financeiros) como condição para a cura de todos os males econômicos e sociais.

Enfim, apresentam-se os critérios de avaliação para entender o lugar do BRIC na economia mundial. Argumenta-se que o poder de adaptação destas economias está associado a dois conjuntos de fatores. No primeiro grupo estão contidos todos os fatores ligados às transformações da natureza e da intensidade das oportunidades e das restrições internacionais. Nestes termos, supõe-se que o poder de adaptação de cada economia esteja duplamente subordinado ao seu modo de inserção internacional: a) a dinâmica da especialização internacional; e b) às condições de atratividade aos investimentos diretos. No segundo grupo, incluem-se um conjunto de fatores endógenos à dinâmica da acumulação interna das economias nacionais ligados à coerência macroeconômica. Em acordo com as teorias de inovações, mudanças técnicas e crescimento endógeno, o poder de adaptação do BRIC estaria associado a três fatores: 1) a existência de complementaridades na produção industrial, tomadas como o suporte para as complementaridades tecnológicas entre os diversos ramos industriais; 2) a robustez na dinâmica da demanda calçada em uma estrutura da distribuição da renda que garanta um círculo virtuoso de crescimento e inovações; e 3) no papel do sistema nacional de inovações e instrumentos de políticas científicas e tecnológicas utilizados pelo estado na escolha das trajetórias tecnologias e na sustentação de condições institucionais para a realização de investimentos.